

PAULO FREIRE NA ESCOLA

SÉRIE CADERNOS PEDAGÓGICOS Nº 6/2021

**SONHAR, OUSAR
E ESPERANÇAR NO COLETIVO:
NOVOS JEITOS DE FAZER
ESCOLAS DEMOCRÁTICAS.**

• Targelia de Souza Albuquerque •
• Karla Fornari de Souza •



PAULO FREIRE NA ESCOLA

SÉRIE CADERNOS PEDAGOGICOS Nº 6 /2021

CAMPANHA NACIONAL E INTERNACIONAL RUMO AO CENTENÁRIO DE PAULO FREIRE

PROJETO: PAULO FREIRE NA ESCOLA

INSTITUIÇÕES PROMOTORAS: CPFREIRE – SINTEPE – SINPROJA

INSTITUIÇÃO CONVIDADA: PUC/MINAS (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS. PROJETO LER COM REFUGIADOS E MIGRANTES)

COORDENAÇÃO COLEGIADA: Natália de Souza Albuquerque (CPFREIRE e USP/SP); Inez Fornari de Souza (CPFREIRE); Séphora Freitas (SINTEPE; SINPROJA) e Targelia de Souza Albuquerque (CPFREIRE, UFPE, FACHO)

COLABORADORAS: Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Nayde dos Santos Lima (CPFREIRE)

AUTORA dos textos 1, 2, 3, 4, 5: Targelia de Souza Albuquerque (CPFREIRE)

AUTORAS do texto 6: Targelia de Souza Albuquerque e Karla Fornari de Souza (CPFREIRE)

REVISÃO TÉCNICA: EQUIPE DE COORDENAÇÃO E COLABORADORAS.

ESCULTURA: Marcelo Figueiredo

FOTO DA ESCULTURA: Jônatas Campos/Tempus Comunicação

PROJETO GRÁFICO: Henrique Carvalho/Tempus Comunicação

IMPRESSÃO: Gráfica Três Reis

LOCAL E ANO DE PUBLICAÇÃO: RECIFE/2021

APRESENTAÇÃO

Sejam bem-vindas/os ao Projeto Paulo Freire na Escola! Estamos caminhando rumo ao centenário de Paulo Freire e este projeto colabora com a formação continuada de professoras/es à luz de seu pensamento.

O objetivo central deste projeto é construir espaços dialógicos com professoras e professores de todo o Estado de Pernambuco, para conhecerem e aprofundarem a Pedagogia Paulo Freire, tornando-a práxis no cotidiano de suas vidas. É um convite para dialogar sobre suas contribuições para um projeto de Educação/Escola substantivamente democrática.

Este projeto está sendo organizado por uma coordenação colegiada, formada pela Profa. Dra. Targelia de Souza Albuquerque (Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas), pela Dra. Natalia de Souza Albuquerque (Universidade de São Paulo), pela Profa. Inez Fornari de Souza, diretora Administrativa do Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas e pela Profa. Séphora Freitas, diretora do SINTEPE e vice presidenta do SINPROJA. Ele será uma oportunidade de estimular nossa participação interdisciplinar, religando vários saberes de diferentes áreas do conhecimento, construindo uma problematização crítica sobre nosso fazer educativo cotidiano e a própria razão de ser da escola, da educação.

Aqui, contaremos com dois momentos principais: 1. Leitura e anotações crítico-propositivas de um texto que aborda categorias da Pedagogia Paulo Freire, articulando teoria e prática. 2. Para aprofundar a compreensão, tirar dúvidas e debater ideias e práticas, organizaremos Lives com a participação de convidadas/os estudiosas/os de Paulo Freire.

O tempo de cada Live será de 60 minutos, sempre começando às 19h. As lives serão transmitidas simultaneamente em diversos canais. Vocês terão acesso a elas por meio do **Instagram @muitomaisperguntasquerespostas**, pelo canal do **Youtube** e **Facebook** do **SINTEPE**, pelo canal do **Youtube** e **Facebook** do **CPFreire** e pelo canal do **Youtube** e **Facebook** do **SINPROJA**. A pesquisadora Natalia de Souza Albuquerque será a mediadora.

Este projeto conta com a colaboração de diversas pessoas do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisa, do SINTEPE e do SINPROJA. Para saber mais sobre essas instituições, que nos ajudam a dar vida ao Projeto “Paulo Freire na Escola”, e entender o papel crucial que elas têm na produção de conhecimento e na luta por uma Educação substantivamente justa, ética e democrática, nós a/o convidamos a ler os textos a seguir.

Um abraço fraterno, Coordenação Colegiada



*Querida irmã, querido irmão,
Natal é tempo de plantar, de renascer,
de amar
de cuidar, de perdoar, de reinventar!...*

*São esses os sonhos do Centro Paulo
Freire- Estudos e Pesquisas, do SINTEPE
e SINPROJA para cada uma e cada um,
a fim de que juntas, juntos e juntas criemos
INÉDITOS VIÁVEIS
para um 2022 mais emancipador, mais
humanizador e mais feliz*

**PARA TODOS OS POVOS!
FELIZ NATAL!**

Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas

O Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas, doravante denominado CP-Freire, fundado em 29 de maio de 1998, é uma associação civil, sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ/MF sob o n.º 03.709.317/0001-90.

A Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, berço no qual Paulo Freire iniciou seu sistema educacional, solidária com os objetivos do CPFreire e entendendo que a filosofia e pedagogia freireana é atual e profícua, apoia desde o início suas iniciativas. Sua sede está localizada no Campus Recife, Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Educação, Sala E004.

O CPFreire tem como finalidade educativa e cultural manter em circulação e vivas as ideias de Paulo Freire, educador pernambucano, referência no Brasil e no mundo. Objetiva promover atividades educacionais e culturais populares, cursos de formação continuada de professoras e professores, visando divulgar o pensamento do educador Paulo Reglus Neves Freire, aprofundar estudos sobre sua obra e trajetória política, construir conhecimentos, tomando como referencial sua contribuição para a Educação, oficialmente reconhecida pela Lei nº 12.612/2012, proclamando-o **Patrono da Educação no Brasil**.

Dentre as diversas ações realizadas pelo CPFreire, vem ocupando espaço relevante o **Colóquio Internacional Paulo Freire**, que já segue para sua XI versão. Em 2021 estaremos realizando a 2ª edição dos Pré-Colóquios em alguns municípios do Brasil e do exterior. Ressaltamos que devido ao agravamento da pandemia da Covid-19, os Encontros estão sendo realizados remotamente.

O I Colóquio Internacional Paulo Freire foi realizado em 1998. Sua avaliação positiva, assim como a das versões que o sucederam são indicadores da contribuição do CPFreire à criação da prática de uma ação educativa e cultural para a liberdade, que se consubstancie em uma educação dialógica, base de uma democracia plena com maior compreensão entre os povos. Estes Encontros se constituíram em um espaço privilegiado de troca de experiências, de produção de conhecimentos, processos de estudos e pesquisas que propiciam a construção de novos conhecimentos e saberes.

Assim, de dois em dois anos, reúnem-se estudiosas(os) do pensamento freireano, educadoras(es) de vários níveis, profissionais de diferentes áreas do conhecimento, especialmente da educação popular e da saúde, provenientes de várias partes do mundo, principalmente da América Latina, África, Europa e de vários Estados brasileiros.

A Diretoria e o Coletivo Paulo Freire esperançosa(o), com apoio das(os) parceiras(os): UFPE, PROExC, CE, Cátedra Paulo Freire, FAFIRE, Fóruns de EJA, SINTEPE, SINPROJA organizam e realizam os Pré-Colóquios Rumo ao XI Colóquio Internacional - **100 ANOS DE PAULO FREIRE: da leitura de mundo à emancipação dos povos, para 16, 17, 18 e 19 de setembro de 2021. VAMOS ESPERANÇAR JUNTAS E JUNTOS?**



www.centropaulofreire.com.br



[cpfreire_pe](https://www.instagram.com/cpfreire_pe)



[C Paulo Freire](https://www.facebook.com/CPauloFreire)



www.youtube.com/channel/UCtjML4cSFA2HKQyTan4bnv

SINTEPE

O Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco (SINTEPE), filiado à Central Única dos Trabalhadores (CUT) e à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), foi fundado no dia 26 de março de 1990, após um congresso de unificação. A constituição do SINTEPE fundiu forças importantes em uma só luta: Associação dos Professores do Ensino Oficial de Pernambuco (Apenope), Associação dos Supervisores do Estado de Pernambuco (Assuepe), Associação dos Orientadores Educacionais de Pernambuco (Aoepe) e a Comissão dos Administrativos. Mais recentemente passamos a representar também os/as analistas educacionais.

Atualmente, a entidade representa a maior categoria do Estado, com 75.242 mil servidores(as) (ativos e aposentados), dos quais mais de 22 mil são filiados/as. Nossa atuação abrange todo o Estado de PERNAMBUCO, com 13 núcleos regionais, além da sede, localizada em Recife.

Nesses 31 anos de existência do SINTEPE, a luta dos/as trabalhadores/as em educação tem sido por melhores salários e por condições de trabalho. Mas, a sua pauta não se resume às questões corporativas. Temos a certeza de que, para alterar a realidade brasileira, é preciso o envolvimento da categoria em outras demandas, relacionadas a busca por justiça social e igualdade de oportunidades para a classe trabalhadora.

A unidade dos/as trabalhadores/as em educação sempre foi fundamental para as conquistas coletivas, utilizando os caminhos possíveis, como o diálogo, a negociação, a ocupação das ruas e, hoje ainda mais, os meios tecnológicos. Os percursos são sinuosos. Tivemos avanços e retrocessos. Em nossa história, nunca faltou perseverança e disposição, o que nos dá a certeza de que a luta vale a pena.

O SINTEPE tem por princípio a defesa de uma educação pública, democrática, inclusiva e libertadora e, por isso, segue o ideal freireano, que reconhece educador/a e educando/a como sujeitos do processo educacional. Assim, no ano do centenário do Patrono da Educação Brasileira, abraçamos o **Projeto Paulo Freire na Escola**, como forma de mobilizar a sociedade a organizar-se para mudar o mundo. **Venha esperançar conosco e fortalecer a resistência!**



sintepe.org.br



[sintepedigital](#)

SINPROJA

O SINPROJA completou 28 anos, cultivando valores como compromisso, solidariedade, unidade, lutas e conquistas que marcaram sua trajetória desde 1984, quando ainda era APROJA (Associação dos Professores do Jaboatão).

Sua história começou num tumultuado momento da política local, marcado por intervenções no município e demissões de professores(as), passando por momentos importantes, que marcaram o início da reorganização política da categoria, ao transformar-se, através de uma assembleia histórica, no demolido Clube Jaboatonense, em SINPROJA (Sindicato dos Professores do Município do Jaboatão dos Guararapes), em 30 de março de 1993. E, posteriormente, com a unidade entre professoras(es) e funcionários/as da educação na base da categoria, alcançada a partir do III Congresso, em 05 de outubro de 1999, que vai consolidar sindicalmente o formato que possui até hoje, de congregar todos os trabalhadores e trabalhadoras em educação em sua base.

Filiado à Central Única dos Trabalhadores (CUT) e à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), o SINPROJA abraça e encaminha as deliberações nacionais, de forma contundente e destacada. Sua história mostra um legado de grandes conquistas, tais como: o Estatuto do Magistério, em 1995; Realização da I Conferência Municipal da Educação em 2000; Conquista do Plano de Cargos e Carreira (PCC) dos Professores em 2002 e do Plano de Cargos, Carreira e Vencimentos dos Administrativos em 2008; a Lei do Piso Salarial do Magistério etc.

Jaboatão dos Guararapes fez parte das andanças de Paulo Freire, integrando o roteiro de suas reflexões e inspirações. Ele continua vivo, tendo o SINPROJA como herdeiro dos seus ideais, atuando na propagação de seu pensamento, seja nos cursos de formação política e sindical que realiza, seja nos fóruns educacionais que seus dirigentes participam, bem como em suas ações de luta em defesa da democracia e da garantia de direitos.

Nesse sentido, o SINPROJA se incorpora a mais uma iniciativa de comemoração ao centenário de Paulo Freire, levando para as escolas do Município, através desses Cadernos Pedagógicos, as grandes contribuições do Patrono da Educação Brasileira e acreditando que “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. O sonho coletivo é a transformação em processo de realização. JUNTAS(OS) SOMOS FORTES!

CRONOGRAMA DAS LIVES, COM RESPECTIVAS TEMÁTICAS

- Live 1. Dia 29/05 - Temática: Paulo Freire na Escola: uma história de vida em defesa da vida.
- Live 2. Dia 26/06 - Temática: Paulo Freire na escola: ensinar exige diálogo.
- Live 3. Dia 28/08 - Temática: Paulo Freire na escola: ensinar exige respeito e autonomia aos saberes e à autonomia do ser dos(as) educandos(as) e educadores.
- Live 4. Dia 02/10 - Temática: Paulo Freire na escola: ensinar e aprender exigem a curiosidade epistemológica e o pensar certo.
- Live 5. Dia 06/11 – Temática: Paulo Freire na escola: Ensinar exige ouvirtude e amorosidade
- Live 6. Dia 04/12 – Temática: Paulo Freire na escola: ensinar exige criatividade e esperança
- Live 7. Dia 11/12 - Para a Avaliação dialógica do Projeto Paulo Freire na Escola: A vez e a voz dos(as) professores(as).

Para quem participar efetivamente das seis lives, serão entregues Certificado de participação pelo Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisa e SINTEPE e SINPROJA.

SONHAR, OUSAR E ESPERANÇAR NO COLETIVO: NOVOS JEITOS DE FAZER ESCOLAS DEMOCRÁTICAS

Targelia de Souza Albuquerque

targeliaalbuquerque@gmail.com

Karla Fornari de Souza

davarzea@yahoo.com.br

CANÇÃO ÓBVIA

Escolhi a sombra desta árvore para
repousar do muito que farei,
enquanto esperarei por ti.
Quem espera na pura espera
vive um tempo de espera vã.
Por isto, enquanto te espero
trabalharei os campos e
conversarei com os homens.
Suarei meu corpo, que o sol queimará,
minhas mãos ficarão calejadas,
meus pés aprenderão o mistério dos caminhos,
meus ouvidos ouvirão mais,
meus olhos verão o que antes não viam,
enquanto esperarei por ti.
Não te esperarei na pura espera
porque o meu tempo de espera
é um tempo de quefazer.
Desconfiarei daqueles que virão dizer-me,
em voz baixa e precavidos:
É perigoso agir
É perigoso falar
É perigoso andar.
É perigoso, esperar, na forma em que esperas,
porque esses recusam a alegria de tua chegada.
Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,
com palavras fáceis,
que já chegaste, porque esses
ao anunciar-te ingenuamente,
antes, te denunciam.
Estarei preparando a tua chegada
**como o jardineiro prepara o jardim
para a rosa que se abrirá na primavera.**
(Paulo Freire, Genebra, Suíça, 1971)

Esperançar e (re)criar: educando para a liberdade

Ao escrever esse poema, Canção Óbvia, Paulo Freire nos convoca à criação; a realizar um movimento coletivo de mudança porque é nessa dinâmica que há a possibilidade de transformação. Ele nos alerta para o seguinte fato: “quem espera na pura espera, vive um tempo de espera vã”. Essa é a diferença marcante entre o “esperar” e o “esperançar”. O Esperançar nasce do sonho, da ousadia e se concretiza no “que-fazer”, nas ações “co-laborativas”, que exigem a denúncia da opressão em qualquer uma de suas formas, implícitas ou “descaradamente” explícitas; a imersão crítica na realidade, o reconhecimento autobiográfico de estar inserido em relações sociais contraditórias, e como ser humano, romper com os condicionamentos, atuando como sujeito histórico fazedor de cultura e de novas histórias libertárias. Nesse contexto de construção coletiva se concretiza a gestação para a liberdade e o surgimento de homens e mulheres novos(as), não mais escravizados e entregues a sua própria sorte, mas sujeitos com autonomia que exigem seus direitos de ter uma vida digna, fraterna e justa e que lutam por uma sociedade autenticamente democrática, portanto sujeitos que educam e se educam como perspectiva e prática de liberdade.

Diante dessa reflexão, torna-se necessário perguntarmos: vamos ficar à espera que alguém decida mudar o mundo e a nossa escola por nós? Que tipo de sementes queremos plantar, como cuidar de nossos jardins e quintais, para que eles embelezem de vida nossas casas, nosso Ethos, nossa morada – o planeta Terra? Quem estará conosco no dia a dia dessa labuta? Como será a partilha daquilo que plantarmos e colhermos? Como resistiremos aos inimigos comuns que sempre estarão prontos a tentar minar a nossa autoestima e autoconfiança, a inserir a desconfiança entre nós e a atuarem com estratégias inovadoras para nos dispersar e/ou fragmentar? Como defender nossos propósitos de criação de um projeto de escola substantivamente democrática se os opressores, como “tigres vorazes”, invadem nossas casas, comunidades, escolas, florestas para nos amedrontar, ou destruir nossos sonhos e projetos? São diversas as forças opressoras que se personificam de diferentes modos, assumem várias faces e interpenetram as nossas vidas com uma criatividade devastadora para nos desanimar, tentar ofuscar nossos propósitos, desqualificar nossos sonhos para que desistamos de prosseguir no plantio e na colheita. Por essa razão, “ninguém solta a mão, ninguém”, pois, sozinhas(os) jamais daremos conta, mas juntas, juntos e juntas somos fortes, temos

vigor e seremos capazes de, com vigilância ética, sonharmos e ousarmos criar novos jeitos de construir escolas democráticas por todos os cantos do nosso Brasil.

Precisamos combater os negativistas, exercer o ‘bom combate’ por uma educação humanista libertadora. E, na nossa escola, quando alguém criar estratégias emancipatórias, vamos dar as mãos e fortalecê-las combatendo ‘os negativistas e negacionistas’ com argumentação, serenidade e, sobretudo, amorosidade lúcida. Como resistir às narrativas desestimuladoras do tipo: “O que você vai ganhar com isso? A gente já faz muito mais do que o necessário!” Muitas vezes, são tantos os desafios que tendemos à paralisação e ao desânimo. Porém, caras(os) colegas, educadoras e educadores o nosso vigor estará diretamente vinculado aos nossos desejos e sonhos de uma sociedade digna, justa, feliz e, nessa direção, de um projeto de escola em que corra nas suas veias o ‘pensar certo’, a criticidade, a ética, permeada de um profundo bem querer aos educandos e às educandas. Precisamos cultivar a generosidade, a compaixão e um imenso amor às gentes, aos animais, às plantas, à natureza, em uma palavra: à vida!

‘Canção óbvia’ é um grito revolucionário em forma de poesia. Ela toca nossos corações, abrindo as portas de nossa razão, para enxergarmos a realidade, criticá-la e jamais desistirmos de trabalhar pela mudança social emancipatória. É um poema que convoca ao esperar, e resistir à tentação de esperar na pura espera. É uma convocação ao ‘quefazer’ coletivo, à produção da existência humana digna, fraterna e justa. Nós podemos, em cada escola, compartilhar esse sentimento, que sintetiza o conhecimento da realidade, o desvelamento de suas contradições, nos impulsiona a problematizar os fatos e fenômenos e enxergá-los com maior clareza e nos encoraja a não apenas esperar, mas a esperar! Nos desperta e nos move a lutar contra as injustiças sociais e a nos alegrar quando as mudanças, das quais, participamos se concretizarem. Assim como o jardineiro prepara o jardim, para as rosas florescerem na primavera. Talvez não seja apenas uma coincidência: Paulo Freire ter nascido em plena primavera, no dia 19 de setembro de 1921.

E essa nossa sexta Roda de Conversa, com certeza mobilizará cada educadora e cada educador crítico a fazer a sua pronúncia do mundo, a deixar fluir seus sonhos e a ousar (re)criar novos jeitos emancipatórios de se fazer escolas democráticas. Teceremos essa conversa a quatro mãos, contando com as contribuições da professora Karla Fornari de Souza, que com seus estudos, pesquisas e intervenções práticas, nos auxiliará na ampliação e aprofundamento dessa bela temática.

Estamos vivenciando uma alegria imensa, o esperar como ato político criativo e criador; é com esse entusiasmo que convidamos cada professor(a) com seus/suas estudantes a caminharem conosco nessa jornada. Somos como nosso mestre Paulo Freire, tecelãs (ãos) da utopia, pois, ao sonharmos juntos, construiremos uma bela obra de arte coletiva: a nossa escola substantivamente democrática fundada no diálogo, na participação, na ética universal do ser humano e na produção de conhecimentos emancipatórios (FREIRE, 2007; SANTOS, 2000).

Escultura: Paulo Freire e sua prática
Autor: Marcelo Figueiredo





Esperançar e criatividade andam de mãos dadas

Esperançar é dizer não aos fatalismos; é afirmar a educação como possibilidade, em que os sujeitos-históricos são os protagonistas da transformação social. A criatividade abre trilhas à transformação. O diálogo é a base da criação coletiva, pois possibilita a compreensão de que nada é imutável e que são os sujeitos humanos – nós – que podemos construir novas histórias sociais com dignidade. Paulo Freire, quando recebeu o prêmio Educação para a Paz, da UNESCO, em Paris (1986), declarou: “De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes, aprendi, sobretudo que a paz é fundamental, indispensável, mas que a paz implica lutar por ela” (FREIRE, 1986 apud GADOTTI, 1996, p.52).

Ao afirmar que “a paz se cria, se constrói na edificação incessante da justiça social” quer convocar todas(os/es) educadoras(es) com suas/seus educandas(os) a criar uma nova sociedade, a serem autores(as) e/ou coautores(as) de um mundo mais justo e fraterno. É como se ele nos dissesse: é hora de sair do comodismo, da zona de conforto; o momento é de desvelar as contradições e ‘pensar certo’; chegou a hora de nos darmos as mãos e fazermos acontecer. Isso significa se reconhecer como sujeito-histórico de um coletivo social, respeitando-se mutuamente e criando uma ligação tão forte que, diante dos mais graves enfrentamentos, “ninguém solte a mão de ninguém”. Esse é o testemunho da força emancipatória de um grupo que demonstra a sua indignação contra as desigualdades sociais e reafirma a sua capacidade criadora para construir um mundo melhor para todos os seres humanos e não humanos. Paulo Freire destaca ainda no seu discurso: “Por isso não creio em nenhum esforço chamado de educação para a paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças o torna opaco e tenta miopizar as suas vítimas” (Idem).

Enquanto existir uma criança com fome, um(a) trabalhador(a) explorado(a), uma escola sem condições dignas de trabalho, um(a) educando(a) que não tenha autonomia e nem possa assumir a sua identidade cultural; enquanto haja preconceito, racismo e desvalorização do sujeito humano; espaços educativos onde prevaleça o autoritarismo, o ensino como relação vertical, conteúdos curriculares silenciados pelo poder dominante, haverá a necessidade de aprofundarmos nossas conversas com Paulo Freire ampliando também o diálogo com outros(as) autores(as) que também participam da criação de uma educação substantivamente democrática em estreita relação com uma sociedade digna, justa e solidária.

Mas, essa realidade dura colocada por Freire não é encharcada de pessimismo ou desesperança, pelo contrário, é um ato de convocação a esperar; a jamais perder a esperança de lutar por justiça e defender os povos e comunidades oprimidos(as), os(as) discriminados(as), aqueles violentados na sua condição humana e desamparados(as) pela sociedade que os(as) vitimou: sejam crianças, jovens, pessoas adultas ou idosas. Em *Pedagogia da Indignação*, Paulo Freire coloca o significado do esperar, quando diz: “O sonho de um mundo melhor nasce das entranhas de seu contrário” (FREIRE, 2000, p.133).

Por isso, aceitar o sonho do mundo melhor e a ele aderir é ousar participar incondicionalmente do seu processo de criação e libertação. A criatividade e a esperança mobilizam e movem a transformação. Precisamos estar em movimento, pensando, problematizando, recuando quando necessário, construindo novas estratégias para avançar. Um novo projeto de educação, de escola, de espaços educativos emancipatórios, de uma nova sociedade efetivamente democrática e justa não se construirá sozinho. A luta será permanente, o diálogo, o estudo, o trabalho em co-laboração, a amorosidade, a generosidade, a compaixão sempre deverão estar presentes.

Paulo Freire explica que o processo de luta está profundamente ancorado na ética universal do ser humano. “De luta contra qualquer tipo de violência. De violência contra a vida das árvores, dos rios, das montanhas, das cidades, das marcas físicas de memórias culturais e históricas, De violência contra os fracos, os indefesos, contra as minorias ofendidas” (FREIRE, 2000, p.133).

Paulo Freire defende a boa briga. Não se trata aqui de brigar por ódio ou vingança. Trata-se de criação de estratégias em defesa da vida, da não violência, de luta contra a impunidade que estimula o crime, o desrespeito ostensivo à vida humana. O ‘bom combate’ firme e determinado para não deixar qualquer tipo de violência destruir o planeta terra, nossa mãe natureza, com suas gentes, seus animais, mares, florestas, rios, culturas e histórias. Precisamos nos indignar face às injustiças; podemos até nos permitir ter nossos momentos de desencanto, mas jamais perder a esperança e sucumbir. Urge esperar!

Em *pedagogia do Oprimido* (1974), Paulo Freire chama a atenção para o caráter transformador da educação e sua importância na formação plena de cada sujeito humano. Ele explica: ‘A liberdade é um parto. Um parto muito difícil. Mas, é através desse parto que poderão nascer homens e mulheres novos(as), capazes de mudar o mundo’. Investir em cada pessoa, em especial, nos membros

da comunidade escolar, fortalecer elos de amorosidade, generosidade, compaixão nunca foi tão necessário para o enfrentamento das situações que precisamos enfrentar em tempos de Pandemia do Coronavírus e em outros momentos de crise.

Com a velocidade das mudanças sociais, em face dos avanços tecnológicos, da revolução da “internet 5G”, da inteligência artificial, que transformaram radicalmente nossas visões de mundo, nossos modos de viver e conviver, a questão da ética, da necessidade da vigilância ética, da exigência de autenticidade nas nossas posições no mundo como educadoras(es) críticas(os) se tornam indispensáveis nos nossos pensares, sentires e fazeres educativos dentro e fora da escola.

A esperança, a criatividade e a ética devem ser inseparáveis do projeto político-pedagógico da escola, e nós, como protagonistas dessa nova escola, não largaremos as mãos de nossos(as) educandos(as) e dançaremos a ciranda anunciando novos tempos, tempos de resistência e de esperança criadora.

Um novo jeito de fazer escola

Paulo Freire nos ensinou muito sobre como é difícil mudar, mas com ele também aprendemos a esperar. Isso significa partir do pressuposto de que a mudança é possível, E nós temos a responsabilidade, como educadoras e educadores de fazê-la acontecer. Essa premissa nos moverá a enfrentar os desafios e a jamais desistir. Freire (2007, p. 79) explica que é a partir deste saber fundamental que “mudar é difícil, mas é possível”, que nós precisamos organizar e desenvolver nossa ação político-pedagógica, “não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se a ação é sanitária, se é de evangelização ou de formação de mão de obra técnica” (Idem).

Pensar um novo jeito de fazer escola exige de cada um(a) de nós o exercício da autoavaliação crítica e constante sobre as nossas posturas como educadoras(es) e de buscarmos cada vez mais a coerência entre o que dizemos e fazemos no cotidiano das nossas vidas e, também na escola. É muito difícil praticar a avaliação como uma estratégia de gestão educacional e dos processos de ensino e aprendizagem sem desvinculá-la da práxis. Há uma tendência de colocarmos os equívocos e as coisas que não deram certo nas mãos dos outros e colocarmos nas nossas apenas os êxitos. Além da autocrítica, também não podemos delegar a ninguém a tarefa de construir o projeto da escola para nela atuarmos. É uma exigência da prática educativa emancipatória, sermos coautores(as) do mesmo. É responsabilidade ética nos reconhecermos como sujeitos-históricos no mesmo, arcando com os erros e os acertos e enfrentando juntos as adversidades e os desafios (FREIRE e BETTO, 2000).

A possibilidade de transformação da realidade e a construção de uma práxis emancipatória não é presente dos deuses e nem obra do acaso. Ela se materializa nos encontros comunitários, nas rodas de conversa, nos grupos de estudo, nos círculos de cultura em que educação e arte se transformam em uma vivência plural crítica e criativa. Por essa razão, precisamos ter os pés no chão e mergulhar os pés no barro. Isso exige de cada um(a) de nós colocar as mãos na massa, fermentar o pão, amassá-lo bem, fazer uma bela fornada e repartir com todo os membros do grupo e quem sabe, ampliar o convite para mais gentes.

Identificação das ‘situações-limites’ para sua superação

Diante das tantas tarefas que nos atribuímos e assumimos enquanto educadoras e educadores progressistas, está a necessidade ontológica (de investigarmos a natureza da realidade e da nossa existência) para identificarmos as ‘situações-limites’, que nos são impostas, problematizarmos e buscarmos coletivamente ideias, estratégias, maneiras de enfrentá-las e de preferência, superá-las. A expressão ‘situações-limites’ aparece pela primeira vez na obra de Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (1974), vinculada ao ‘inédito viável’, quando vai relacionar as situações opressoras impostas à necessidade de buscar coletivamente sua superação. “Para alcançar a meta da humanização [...] é imprescindível a superação das ‘situações – limites’ em que os homens se acham quase coisificados” (FREIRE, 1974, p. 111). Nesse momento histórico precisamos fazer uma reflexão crítica sobre a nossa capacidade de criação e libertação diante das ‘situações-limites’ do nosso tempo, de nossos espaços, de nossas escolas, comunidades e territórios. Estamos vivendo situações altamente desafiadoras diante das lutas por afirmação de nossos direitos, de cidadania e de produção da existência humana com dignidade. A escola, o aprender e ensinar (que também caminham de mãos dadas), as relações humanas e de trabalho, a cada dia, seja dentro ou fora da escola, nos desafiam e, ao mesmo tempo, nos impulsionam a resistir para enfrentar tais ‘situações-limites’ que nos põem à prova e a nossa própria condição de sujeitos-humanos, coletivos críticos e criativos. Serão estas mesmas situações, tão ameaçadoras que parecem não ter saídas, que possibilitarão a criação do novo. E o que Paulo Freire nos ensina sobre isso? Para Paulo Freire temos a capacidade sim, de juntas(os/es) construirmos ‘inéditos viáveis’. Ele está lá, latente na própria situação opressora, evocando nossa capacidade de ‘sermos mais’! Mais humanizados, mas coletivos, mais críticos e propositivos. Incansáveis na busca pela liberdade, sobretudo enquanto possibilidade, desejo e construção.

Diante de tamanhos desafios, precisamos sim ter esperança, “[...] mas ter esperança do verbo esperar” quando o substantivo se faz verbo e nos invoca a ação crítica e criadora de possibilidades. Quando nos juntamos com nossos semelhantes, parceiras(os), aliadas(os) para transformar nossa realidade, “enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica” (FREIRE, 1992, p. 6). E tornamos prática, no diálogo, na organização e mobilização escolar, na intervenção comunitária, na participação, na solidarie-

dade, entre tantas outras possibilidades... Reconhecendo, interpretando as ‘situações-limites’ nos nossos contextos e nos assumindo enquanto sujeitos, parte de uma totalidade social, com papéis e tarefas bem definidas nos diferentes e múltiplos processos educativos aos quais nos integramos. Como nos anima Freire, será “a leitura crítica do mundo que vai possibilitando a compreensão das ‘situações-limites’, para além das quais se acha o inédito viável” (FREIRE, 1992, p. 106).

Podemos afirmar, sem medo de errar, que vocês, nossas(os) leitoras(es), professoras(es) certamente vivenciam experiências em suas escolas que também representam anúncios de ‘inéditos viáveis’... E nestas experiências, vividas, refletidas, avaliadas, registradas, apresentam-se os caminhos, as estratégias, propostas, projetos transformadores que se enraízam na escola, que envolvem as comunidades, seus sujeitos, enfim, o território, e assim geram mudanças muito significativas no: sentir, pensar e agir de todos os envolvidos. Reforçando a dimensão da humanização da vida, que num exercício constante de, ao problematizar suas realidades, compreendem melhor as ‘situações-limites’ que lhes são impostas, seus processos históricos, suas causas e consequências e ainda estudam e desenvolvem possibilidades de mudança, de transformação desta mesma realidade, visando o bem comum. Diante destes desafios da educação escolar, com seus problemas que são históricos, sociais, políticos e pedagógicos, podemos ressignificar-nos, a nós e as nossas realidades. Nos caminhos trilhados da educação pública numa perspectiva popular, podemos afirmar que as ‘situações-limites’ têm sido provocadoras da busca de soluções, exigindo de educadoras(es), estudantes, gestoras(es) e comunidade, criatividade revolucionária para assegurar seus direitos e a qualidade do trabalho docente. Estas questões estruturais e pedagógicas vêm sendo enfrentadas e reinventadas nas práticas cotidianas de muitas escolas e também fora delas.

Construção de ‘inéditos viáveis’: a educação como prática de liberdade

Inspiradas(os) por Freire, seguiremos assim em marcha, ‘a marcha dos que amam, as marchas dos que lutam e sonham, as marchas dos que se sabendo humanos abrem-se para aventura do conhecimento e da superação de seus condicionamentos e alçam voos no sentido de sua libertação’. Paulo Freire nos ensina sobre como é difícil mudar, mas com ele também aprendemos e assumimos esses desafios de esperar e construir ‘inéditos viáveis’. E nós temos a responsabilidade, como educadoras e educadores de provocar, estimular, motivar e também sermos atuantes nestas transformações. Essa premissa nos moverá a enfrentar os desafios e jamais desistir.

Torna-se fundamental compreendermos com Freire que sonhar coletivamente “se constitui com a denúncia da realidade excludente e anúncio de possibilidades de mudança que gera o compromisso das possibilidades de concretização, o ‘inédito viável’ está no campo das possibilidades e não das certezas” (FREIRE, 2016, p.134). E esta alternativa só poderá ser construída coletivamente. Compreendemos que temos diferentes jeitos de fazer escola, mas todas(os/es) precisamos defender, como já foi dito, a ética universal do ser humano, o ‘ser mais’, a produção da existência humana com dignidade e uma sociedade justa, fraterna e igualitária. Vamos lá fazer o que será!?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cada Roda de Conversa do “**Projeto Paulo Freire na Escola**” pudemos refletir sobre como ‘ser mais’, no intuito de qualificarmos o nosso trabalho docente com qualidade social e, sobretudo, na perspectiva de uma pedagogia humanizadora.

Reconhecemos que são contínuos os esforços para enfrentar os desafios, rever as nossas práticas educativas e nos reconstruirmos no coletivo... Um novo projeto de vida e de escola, um novo fôlego, uma nova esperança... E nestes caminhos, muitas aprendizagens são vividas, sentidas, construídas e compartilhadas. Mas certamente, é uma proposta que exigirá coragem, determinação, solidez, profundidade teórica, criticidade, criatividade para que a práxis dialógica se perenize em cada espaço educativo. Outra certeza que temos é que construiremos tudo isso juntas (os/es) e que não estamos sozinhos nessa jornada... Assim, ninguém solta a mão, ninguém! E sigamos nosso esperançar...

Hoje já não temos mais a visão de que a função do(a) professor(a) é transferir conhecimento e a do(a) estudante assimilar. Temos a compreensão de que só há ensino quando a aprendizagem se consolida. Constatamos no dia a dia da escola que ensinar e aprender se constituem como uma relação emancipatória em que ambos exercem a sua autonomia, compartilham decisões e responsabilidades. Isso nos permite reconhecer a relevância da educação como prática da liberdade diretamente articulada a um projeto de sociedade; não mais uma retórica maquiadora e manipuladora, mas como práxis transformadora: Educação inseparável da libertação! Sem romantismos, mas com fortes e desafiadoras utopias e muita disposição para as lutas e transformações necessárias, propondo outras possibilidades para o fazer educativo.

E para animarmos em nós e nos coletivos que integramos a possibilidade de ‘inéditos viáveis’ precisaremos assumir os riscos, a desafiadora aceitação do novo e a luta contra todas as formas de discriminação e de preconceitos. Incorporando uma práxis pedagógica que se apresenta cada vez mais complexa... Pois carrega consigo diversas e complementares exigências. Exige de nós, educadoras e educadores o comprometimento, reafirmado no discurso e na ação, exige posturas ética e estética humanizadoras, esperança e alegria contagiantes, entendendo cada vez mais que a educação é uma forma de intervenção no mundo, assim em movimento, assim em trans-forma-ção permanente. E com a assunção desses valores e saberes poderemos, sim, criar

‘inéditos viáveis’ a partir de nossas próprias realidades, sonhos e necessidades. Sigamos com toda essa energia criadora a investir em um novo jeito de fazer a escola e a esperar! Dedicamos esse poema a cada pessoa que embarcou nesta aventura conosco.

ESPERANÇAR

(Targelia de Souza Albuquerque)

A esperança é um bichinho danado
que entra no nosso corpo,
chega à mente e alcança a nossa alma.
Faz cócegas, desestabiliza,
Acorda e denuncia.
Quando tendemos a paralisar,
Ele não para
de aticar até a gente acordar para a vida
e voltar a acreditar.
A esperança é um bichinho
esperto, que não nos deixa sucumbir.
A esperança junta pedaços e deixa o país inteiro,
quando, os tiranos só tentam fragmentar e despedaçar.
Esse bichinho danado nos anima a reunir e anunciar.
Esperança junta gente que luta pela vida.
Nelas, faz moradia.
A esperança gera anticorpos e está sempre lá para ativar energia.
A esperança é um bichinho danado
como a saudade que se instala na nossa vida
e não quer se mudar.
A esperança denuncia, anuncia e transforma.
Isso é esperar.
A esperança não é ele nem ela.
É Pan-universal. É plural!
Esperança do verbo esperar,
que junta fios do viver e
se tece em uma profunda fé nos sujeitos humanos.
Eita bichinho danado que penetra no corpo e na alma,
Revelando um intenso amor ao mundo,
à natureza, aos povos e às nações.
Esperança que toca sinos nas igrejinhas e catedrais,

para anunciar que a justiça não morreu.
Esperança
é um bichinho esperançoso que
não deixa a gente sossegar,
pois ninguém espera sozinho.
Esperamos em comunhão.
Seja em um breve instante ou durante cem anos.
Com Paulo Freire vamos esperar.
Lutar em favor da vida,
E combater essa terrível PANDEMIA
do coronavírus.
Esperança é um bichinho
impertinente, presente, decente, instigante.
Esse bichinho danado que não é fe-
minino nem masculino.
É um arco-íris multicolor que anuncia a pas-
sagem da opressão para a liberdade.
É verbo, é palavra, é diálogo, é práxis,
É tempo de anúncio,
de solidariedade, libertação.
Vamos esperar!
Dizer não à tirania.
Lutar pela democracia.
ESPERANÇAR!

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Targelia de Souza. **PAULO FREIRE ONTEM E HOJE: textos e contextos**. Recife: Prazer de Ler, 2013.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

_____, Paulo. **PEDAGOGIA DA ESPERANÇA: reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____, Paulo. **CARTAS À CRISTINA**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____, Paulo. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: saberes necessários à prática educativa**. 37 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____, Paulo. **CONSCIENTIZAÇÃO**. Tradução de Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2016.

_____, Paulo. **PEDAGOGIA DA INDIGNAÇÃO**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GADOTTI, Moacir. **PAULO FREIRE: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez e Instituto Paulo Freire, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A CRÍTICA DA RAZÃO INDOLENTE CONTRA O DESPERDÍCIO DA EXPERIÊNCIA**. São Paulo: Cortez, 2000.

MINHAS REFLEXÕES

[illegible]

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas, SINTEPE e o SINPROJA, de mãos dadas, com os(as) professoras(es) do Estado de Pernambuco, agregarão, a essas celebrações uma nova e mobilizadora energia educativa, pois, estes/estas com o seu trabalho cotidiano alicerçam a educação, abrindo trilhas para tantos brasis em nosso Brasil. Caminhando com Paulo Freire reafirmaremos a educação como ato político, comprometido com a qualidade social, com a vida, em síntese, com a ética universal do ser humano.

Através de artigos e textos, fundamentados na vida e obra de Paulo Freire, vivenciaremos um diálogo multidimensional e, conhecendo-o melhor, poderemos descobrir, desvelar e/ou reafirmar a necessidade da sua presença na escola, e coprodutora de uma existência digna, fraterna e justa. Vamos, de mãos dadas (Freire, 1987), mudar “a cara da escola”. Será uma “belezura”! (FREIRE, 2007).

Os olhos do mundo, em 2021, estarão voltados para o Recife – Pernambuco, cidade natal de Paulo Freire, pois, o seu centenário significa renascimento, produção de vida, resistência, denúncias e anúncios, em especial, é um centenário de **ESPERANÇA**.